

"Fernando Henrique sempre se apresenta bem. O que é uma prova do nosso acerto"

Antônio Carlos Magalhães

Eleições

"Se eu tenho nomes para o governo, Fernando Henrique também deve ter"

Antônio Carlos Magalhães

"Ele será presidente no primeiro turno"

Antônio Carlos Magalhães, candidato ao Senado, já comemora o êxito de uma operação iniciada há um ano nos bastidores, quando seu partido investiu em Fernando Henrique Cardoso como o anti-Lula

MARTA SALOMON

Com quase 60% nas pesquisas eleitorais e uma administração estadual aprova-

da por quase 90% do quarto maior colégio eleitoral do País, o ex-governador da Bahia Antônio Carlos Magalhães está certo de chegar ao Senado como um "campeão de vo-

tos". Também tem certeza que Fernando Henrique Cardoso nem terá que esperar até novembro para decidir a disputa ao Planalto. "Ele será o presidente do Brasil no primeiro turno", anunciou o candidato nos palanques da Bahia, no final da semana. Magalhães só é cauteloso para falar da formação do eventual futuro governo, embora acredite que o PFL tem lugar

garantido. "Nós o apoiamos num momento difícil", lembra o ex-governador, que já comemora antecipadamente o êxito de uma operação iniciada há um ano nos bastidores, quando o PFL investiu em Fernando Henrique Cardoso como o anti-Lula.

São 6,6 milhões de votos e uma liderança reconhecida até pelos seus mais ferrenhos adversários.

Magalhães — o nome mais expressivo do PFL — tem um prestígio justificável. Além de contar com uma estrutura partidária tradicional e sólida, detém o controle de 80% das prefeituras baianas. As boas com Itamar Franco, com quem divide hoje o desejo de vitória para Fernando Henrique Cardoso, mas com quem, no início de seu governo, travou rixas eviden-

tes porque o presidente nomeou o deputado Jutahy Junior, filho de seu maior adversário político, o senador Jutahy Magalhães (PSBD), para o Ministério da Ação Social, Antônio Carlos Magalhães ganhou respeito e respaldo popular. Agora, já chama Cardoso de "presidente", sempre ressaltando a importância da aliança do candidato com o PFL.

Paulo Pinto/AE — 23/03/94

Ex-governador crê no respeito às promessas

ACM afirma não ter o perfil para presidir o Senado, apesar de ser um "campeão de votos"

Em entrevista exclusiva, Antônio Carlos Magalhães permeia sua segurança de que as eleições estarão decididas no primeiro turno, lembrando que "não existe o impossível", apesar da euforia tucana e das adjacências políticas. Mas deixa muito claro que aposta tudo no perfil de seu candidato, acreditando que o compromisso com a melhora do País não carece de posições ideologicamente partidárias. ACM anuncia seu PFL como uma opção natural para o candidato tucano escolher seus parceiros de governo. E emenda: "Se eu tenho alguns nomes, Fernando Henrique também deve ter".

Estado — O senhor não teme que o senador Fernando Henrique repita o "já ganhou" da campanha de 85, quando sentou na cadeira de prefeito de São Paulo e perdeu a eleição para o ex-presidente Jânio Quadros?

Antônio Carlos Magalhães — Não. São coisas muito diferentes. Uma coisa é o sujeito estar baseado num crescimento que é permanente e numa queda vertiginosa de seu adversário. E ele está trabalhando com muita garra e humildade.

Estado — O senhor tem certeza de que a eleição vai se resolver em 3 de outubro?

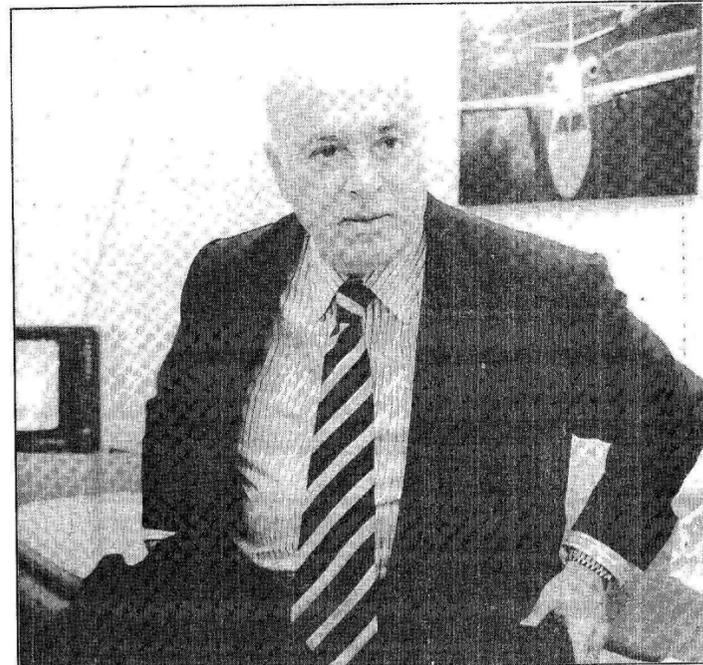
Magalhães — Pode até acontecer o contrário. Agora, dentro de uma normalidade, a vitória está assegurada no primeiro turno. O País dará uma prova de maturidade, garantindo ao eleito mais credibilidade externa e mais apoio popular. O presidente será mais forte interna e externamente.

Estado — Ganhar no primeiro turno é uma necessidade?

Magalhães — O segundo turno tem este mal: alguns candidatos fazem um verdadeiro leilão em torno de sua administração.

Estado — Qual é o perfil que o senhor traça do eventual futuro governo Fernando Henrique?

Magalhães — O Fernando Henrique hoje tem compromissos muito grandes com o País. Compromissos que não passam por nada ideológico, o compromisso é de fazer o melhor. E só se faz o melhor com os melhores. Ele tem que governar com os melhores, se possível com os partidos que ajudaram a sua vi-



Magalhães: respeito e aprovação de 90% da população baiana

tória, tem pessoas com muitas qualidades e podem trabalhar com ele.

Estado — Qual é o espaço que ficaria com o PFL?

Magalhães — No regime presidencial, o presidente da República é o juiz de todas as decisões. O PFL não exigiu nada de Fernando Henrique em termos de cargos no governo. Fez uma composição com a vice-presidência da República. Consequentemente, ele está livre para escolher no PFL os melhores que julgar para qualquer área. Se ele por acaso achar que não tem, tudo bem, vai procurar em outros partidos. Nós evidentemente achamos que temos.

Estado — Quais são os nomes que o senhor escalaria para o ministério?

Magalhães — Na minha cabeça, o que anda não chega até a boca. Não posso dizer. Mas a lógica diz que devem haver coincidências.

Estado — E que papel o senhor vê reservado para Lula nos próximos anos, na hipótese de vitória de Fernando Henrique? Seria o líder da oposição?

Magalhães — Não sei. Na política, você não pode dizer que ninguém desapareceu por ter perdido. É um erro. Não creio que ele vá liderar uma oposição ao governo Fernando Henrique, sem mandato. O líder da oposição surgirá, não há governo sem oposição. Mas há homens com noção de responsabilidade no PT e o partido deve apro-

var algumas medidas que o Fernando Henrique vai propor. Não se pode ficar numa oposição cega.

Estado — O senhor quer disputar a presidência da Casa?

Magalhães — Eu vou ser o senador que pretende atuar para diminuir a imunidade parlamentar para responder a processos criminais. Vou cuidar de uma legislação penal para que os crimes contra o erário sejam julgados com mais rapidez. E vou atacar os corporativistas. Não tenho perfil de presidente do Senado.

Estado — O PFL chegou a cogitar de lançar seu nome para o Planalto. Hoje o senhor já comemora a aliança com os tucanos?

Magalhães — Achei melhor que ir para uma aventura, encontrar um nome. O que eu venho dizendo há mais de

um ano é que o País não desejava votar em Lula. Se aparecesse um nome que aglutinasse, que tivesse qualidades para o exercício da Presidência, esse nome teria o apoio do povo. E não deu outra: aconteceu com o Fernando Henrique. Ele sempre se apresenta bem. O que é uma prova do nosso acerto.

Estado — Como o plano vai estar em janeiro, época da posse do novo presidente?

Magalhães — O plano vai estar com um êxito muito grande e se precisar ajustes, ninguém mais competente para fazer que Fernando Henrique Cardoso.

CRÍTICAS E
IRONIAS PARA
OPOSIÇÃO
PETISTA